

## O FLUXO DE COMÉRCIO ENTRE SANTA CATARINA E OS PAÍSES MEMBROS DO MERCOSUL: UMA ANÁLISE PARA O PERÍODO DE 1996 A 2009

Daiane Soffiatti Panigalli<sup>26</sup>

Darlan Christiano Kroth<sup>27</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o fluxo de comércio entre o Estado de Santa Catarina e os países membros do Mercosul para o período de 1996 a 2009. A análise é feita sob dois enfoques, sendo o primeiro uma avaliação dos dados estatísticos de exportação e importação do sistema Aliceweb do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC), através dos capítulos do Sistema de Designação e de Codificação de Mercadorias (Sistema Harmonizado) da Nomenclatura Comum do Sul (NCM), considerando os capítulos que responderam por uma participação média anual superior ou igual a 10%. O segundo enfoque da análise, partindo da mesma fonte de dados, efetuou o cálculo do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII), que mede a incidência de comércio intra-indústria a partir dos valores de importações e exportações de um setor específico de uma localidade para outra. Como resultados, observou-se em termos de fluxo de comércio que, os produtos pertencentes ao Capítulo 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas) se destacaram pelo lado das exportações e os produtos ligados a agroindústria (cereais e carnes) lideraram as importações. No que tange o grau de comércio intra-indústria de Santa Catarina com o Mercosul, observa-se baixo nível de integração para as indústrias do setor de plástico e borracha (Capítulos 39 a 40); produtos do reino vegetal (Capítulos 6 a 14), papel (Capítulos 47 a 49), cerâmicas (Capítulos 68 a 70) e máquinas e equipamentos (Capítulos 84 a 89). Por outro lado, as indústrias dos produtos do reino animal (Capítulos 1 a 5) e metais e suas obras (Capítulos 72 a 83) apresentaram elevado grau de integração.

**Palavras-chave:** Comércio exterior; Mercosul; Comércio intra-indústria.

### TRADE FLOWS BETWEEN THE STATE OF SANTA CATARINA AND THE MEMBER COUNTRIES OF MERCOSUR: AN ANALYSIS FOR THE PERIOD 1996 TO 2009

**Abstract:** This paper aims to analyze the flow of trade between the State of Santa Catarina and the member countries of Mercosur for the period 1996 to 2009. The analysis is based on two approaches, the first being an evaluation of the statistical export and import data the Aliceweb system the Ministry of Development, Industry and Foreign Trade (MDIC), through the chapters of the System Description and Coding of the Southern Common Nomenclature (NCM), considering the chapters which accounted for an average annual participation greater than or equal to 10%. The second focus of the analysis, based on the same data base, carried out the calculation of Intra-Industry Trade Index (ICII), which measures the incidence of intra-industry trade from imports values and exports of a particular sector of a location to another. As a result, there was in terms of trade flows that products belonging to Chapter 84

<sup>26</sup> Mestranda do Programa em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Email: daiane.soffiatti@uffs.edu.br.

<sup>27</sup> Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó-SC. Email: dckroth@uffs.edu.br

(Nuclear reactors, boilers, machinery) stood by the side of exports and products related to agribusiness (grains and meat) led imports. Regarding the degree of intra-industry trade of Santa Catarina with Mercosur, there is a low level of integration for the plastic and rubber industries sector (Chapters 39-40); vegetable products (Chapters 6-14), paper (Chapters 47-49), ceramics (Chapters 68-70) and machinery and equipment (Chapters 84-89). On the other hand, the industries of the products of the animal kingdom (Chapters 1-5) and metals and articles thereof (Chapters 72-83) had a high degree of integration.

**Keywords:** Foreign trade; Mercosur; Intra-industry trade.

## 1. INTRODUÇÃO

O Estado de Santa Catarina apresentou uma mudança importante no desempenho de seu comércio exterior nos últimos anos. Na década de 1990, Santa Catarina constituía-se como um dos principais Estados exportadores do Brasil, contribuindo com mais de 5% das exportações nacionais. Além disso, a balança comercial manteve-se superavitária até 2007, mesmo nos períodos deficitários da balança comercial brasileira. Contudo, a partir de 2008, com a deflagração da crise financeira mundial, as exportações catarinenses começaram a declinar sensivelmente, reduzindo a participação das exportações nacionais a menos de 4,0%, e apresentando déficits constantes e crescentes na balança comercial.

Há uma preocupação dessa mudança no comércio exterior catarinense, pois pode implicar em impactos significativos sobre sua economia, que vão desde a redução do desempenho do produto estadual, refletindo na geração de empregos e arrecadação para o Estado, por exemplo, bem como no dinamismo das empresas locais, que perdem competitividade, caso não estejam mais expostas à concorrência internacional.

Esse cenário do comércio exterior catarinense vem motivando estudos na área, como os de Mirandola (2003), Cormelatto (2007), Cario et al (2008), Kroth et al (2010) e Seabra e Amal (2010), com objetivos de compreender esse desempenho e propor políticas para reverter esse processo. Apesar desse volume de estudos, pouca atenção vem sendo dada para a análise de comércio regional, em termos de análise por blocos econômicos.

Neste sentido, ao avaliar o desempenho do comércio exterior de Santa Catarina por blocos econômicos, percebe-se que o comércio de Santa Catarina com o Mercosul é deficitário desde o inícios dos anos 2000. Entretanto, com a implantação do Mercosul, esperava-se que o comércio internacional catarinense fosse beneficiado pelos efeitos

dinâmicos de uma integração regional, como a ampliação do mercado consumidor, sobretudo em razão da proximidade geográfica do Estado com os países pertencentes ao bloco.

É neste contexto que surge a problemática das relações comerciais entre Santa Catarina e os países membros do Mercosul, conduzindo ao seguinte questionamento: como se caracteriza e como tem evoluído o fluxo comercial entre Santa Catarina e os países membros do Mercosul no período de 1996 a 2009?

Para lançar luz a essa questão, este artigo tem por objetivo analisar o fluxo comercial do Estado de Santa Catarina com o Mercosul, buscando verificar a evolução do comércio e identificar os possíveis efeitos deste acordo para o comércio exterior catarinense.

Para atingir o objetivo proposto este estudo realiza uma análise das importações e exportações de Santa Catarina com cada país membro, mediante coleta de dados no sistema ALICE-Web, sendo selecionados os capítulos de NCM<sup>28</sup> que apresentaram participação média anual de pelo menos 10,0% no período compreendido entre 1996 a 2009. O artigo também realiza o cálculo do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) do comércio Santa Catarina- MERCOSUL, para avaliar o nível de integração entre as indústrias do estado catarinense com o bloco econômico.

O artigo está estruturado em quatro partes: a primeira refere-se a essa introdução; a segunda trata da integração econômica e seus efeitos sobre o comércio exterior; a terceira realiza a análise do fluxo comercial de Santa Catarina com os países membros do Mercosul, e apresenta o ICII de Santa Catarina com o Mercosul. A última parte refere-se às considerações finais.

## **2. INTEGRAÇÃO ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE O COMÉRCIO EXTERIOR**

### **2.1 Efeitos estáticos e dinâmicos da integração econômica**

O comércio internacional possui grande influência sobre a economia de um país ou região, sendo a integração comercial o meio encontrado pelos países para expandirem os benefícios obtidos com o comércio exterior. Desta forma, acordos comerciais bilaterais e multilaterais, como o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), que eliminam ou diminuem as

---

<sup>28</sup> Sistema de Designação e de Codificação de Mercadorias (Sistema Harmonizado) da Nomenclatura Comum do Sul (NCM). Disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>.

barreiras tarifárias e não tarifárias para os países membros, favorecendo o fluxo comercial, ganharam muita relevância a partir dos anos 1990, quando vários acordos foram firmados/criados<sup>29</sup>.

Para Balassa (1961), integração econômica é um processo e uma situação. Encarada como processo, implica medidas destinadas à eliminação de discriminações entre unidades econômicas de diferentes nações, como por exemplo, a aplicação de diferentes tarifas ou cotas para determinados países. Como situação, corresponde à ausência de várias formas de discriminações entre economias nacionais.

O processo de integração econômica é motivado por diversos fatores. Para Carbaugh (2002) a principal motivação de um acordo comercial, é a possibilidade de gerar maior crescimento econômico. A expansão do mercado regional pode propiciar economias na produção em escala, incentivar a especialização pela aprendizagem prática e atrair investimento estrangeiro.

Dada à integração econômica e seus efeitos, surge a partir de 1950, na literatura econômica uma estrutura teórica, conhecida como teoria das uniões aduaneiras ou teoria da integração comercial, que busca analisar as consequências da integração comercial. Dentre os teóricos que desenvolveram a teoria da integração econômica, pode se destacar o trabalho de Viner (1950), que consolidou os conceitos de criação e desvio de comércio.

Em geral, as consequências geradas pela formação de acordos comerciais regionais podem implicar no bem-estar através de efeitos estáticos e efeitos dinâmicos, que unidos determinam os ganhos ou as perdas de bem-estar.

Os efeitos estáticos da integração econômica estão relacionados à eficiência produtiva e ao bem-estar do consumidor, e podem sofrer implicações pela criação de comércio, que eleva o bem-estar, ou pelo desvio de comércio, que reduz o bem-estar.

A criação de comércio ocorre quando o estabelecimento de uma união aduaneira ou zona de livre comércio, ao passo que elimina ou reduz as tarifas de importação intra-regional, gera o deslocamento da produção doméstica para importações de um dos membros do bloco. Por outro lado, o desvio de comércio ocorre quando há um deslocamento das importações de um país não pertencente ao bloco para um pertencente. Este efeito é gerado, por que na eliminação ou redução das tarifas de importação para o país do bloco, um produto que embora

---

<sup>29</sup> Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em 1991, Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) em 1991, Tratado de Maastrich da União Europeia em 1992, Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) em 1992, e Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC) em 1993.

seja produzido com menos eficiência passa a ser mais barato do que o produzido por terceiros países.

Verifica-se então que na criação do comércio há um aumento do bem-estar, pois há a substituição do produto doméstico, menos eficiente, por um mais eficiente, importado. No desvio do comércio se observa o contrário, há perda de bem-estar, pois é efetuada a troca de um fornecedor mais eficiente por um menos eficiente.

Por outro lado, os efeitos dinâmicos da integração econômica estão anexos às taxas de crescimento a longo prazo dos países-membros, e podem resultar em ganhos substancialmente superiores aos baseados no modelo estático. De acordo com Carbaugh (2002), os ganhos dinâmicos originam-se da criação de mercados maiores e pela liberalização do comércio possibilitada pelo regime de uniões aduaneiras.

Dentre os principais ganhos dinâmicos auferidos por uma união aduaneira, podem-se destacar economias de escala, aumento da concorrência, estímulo aos investimentos e possibilidades de mudanças e inovação tecnológica em menor prazo.

## 2.2 Comércio intra-indústria

Os padrões de comércio internacional podem ser divididos em comércio inter-indústria e comércio intra-indústria. O primeiro está relacionado às vantagens comparativas do modelo desenvolvido por David Ricardo, e normalmente ocorre no comércio entre um país mais desenvolvido e outro país menos desenvolvido, sendo influenciado pela dotação e intensidade de recursos entre eles, obtendo-se como resultado a especialização.

Já o comércio intra-indústria é originado nas relações comerciais de países com níveis semelhantes de desenvolvimento e mesma tecnologia de produção, e conforme Krugman e Obstfeld (1999) é definido pela existência de economia de escala e pela diferenciação do produto.

Para Souza (2003), a evidência empírica dos dois princípios fornece apoio para a existência de fluxos de comércio intra-indústria não apenas entre países desenvolvidos, mas também envolvendo países com grau menor de industrialização. Ademais, em quaisquer dos casos, a existência do comércio exterior do mesmo setor industrial tem sido atribuída às economias crescentes de escala e a diferenciação do produto.

Segundo Montoro *et al* (2007), o comércio intra-indústria pode ser influenciado por diferentes características dos países e das indústrias. Com relação aos países, as características

positivas para comércio são: nível elevado de renda média; similaridade entre as rendas; alto grau de desenvolvimento econômico de um par de países; tamanho; e a proximidade geográfica. Já, a existência de desequilíbrios comerciais acarreta em efeitos contrários sobre o comércio intra-indústria.

Quanto às características das indústrias que implicam positivamente neste comércio, pode-se citar a ocorrência de economias de escala, a diferenciação dos produtos e a capacidade de inovar. Enquanto que as barreiras comerciais e o elevado custo de transporte têm efeito negativo.

No entanto, Montoro *et al* (2007) ressalta que parte do comércio intra-indústria entre países com altos salários e países com baixos salários é, na verdade, fruto das vantagens comparativas, sendo chamada por muitos autores de pseudo intra-indústria. Por exemplo: o país A produz componentes eletrônicos de determinado produto, e os envia para o país B, intensivo em mão de obra, para que sejam apenas montados, retornando posteriormente ao país A. Embora os produtos estejam na mesma classificação industrial, está ocorrendo uma troca entre produtos intensivos em tecnologia e bens intensivos em trabalho. Este tipo de comércio também pode ser considerado como comércio intra-firma, quando as transações ocorrem entre unidades, localizadas em diferentes países, e pertencentes a uma única empresa.

A verificação da existência do comércio intra-indústria e a sua intensidade podem ser obtidas por meio do cálculo do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII), também conhecido como índice de Grubel e Lloyd<sup>30</sup>.

### 3. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 3.1 Metodologia

A base de dados a ser trabalhada compreende os dados estatísticos de importação e de exportação de Santa Catarina com os países integrantes do Mercosul, ou seja, a Argentina, o Paraguai, o Uruguai e a Venezuela<sup>31</sup>, disponibilizadas pelo sistema ALICE-Web/MDIC<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> Para maiores detalhes a respeito deste índice, ver Grubel e Lloyd (1971).

<sup>31</sup> O processo de ingresso da Venezuela como membro do Mercosul ocorreu a partir do ano de 2001. Porém sua inserção como membro pleno do bloco ocorre em 2006, pois dependia da aprovação do parlamento dos quatro sócios fundadores. Mais detalhes em: <http://www.mercosur.int>.

<sup>32</sup> O Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior via Internet, chamado ALICE-Web, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) fornece dados estatísticos das importações e exportações brasileiras. Mais informações em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>.

Também foram consideradas informações do Radar Comercial e do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

A análise do fluxo de comércio partiu pelos dados estatísticos dos capítulos do Sistema de Designação e de Codificação de Mercadorias (Sistema Harmonizado) da Nomenclatura Comum do Sul (NCM). O Sistema Harmonizado é um método internacional de classificação de mercadorias, e foi criado para promover o desenvolvimento do comércio internacional, bem como facilitar a comparação e análise estatísticas.

A Nomenclatura é formada por 21 seções, composta por 96 capítulos. Os capítulos são divididos em posições e subposições, atribuindo-se códigos numéricos a cada desdobramento. Sendo assim o código NCM da mercadoria possui 8 dígitos, os seis primeiros regidos pelo SH e os dois últimos correspondem a desdobramentos específicos atribuídos no âmbito do Mercosul, e que atualmente são 11.817 códigos de mercadorias cadastrados<sup>33</sup>.

Dessa maneira, os dados de exportação e importação entre Santa Catarina e os países do MERCOSUL correspondem há agrupamentos de mercadorias em capítulos e não por mercadoria. Optou-se por isso devido à grande quantidade de mercadorias cadastradas no sistema NCM.

O período a ser analisado é de 1996 a 2009, e foi escolhido devido ao objetivo do trabalho de diagnosticar a evolução do intercâmbio comercial de Santa Catarina com o MERCOSUL.

Esses dados também foram utilizados para calcular o Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) entre Santa Catarina e MERCOSUL, conforme será apresentado na subitem 3.2.5.

### 3.2 Análise dos dados

Nesta seção são analisados os dados relativos ao fluxo de comércio entre Santa Catarina e os países membros do Mercosul – subitens 3.2.1 a 3.2.4; e o índice de comércio intra-indústria Santa Catarina e Mercosul – subitem 3.2.5.

---

<sup>33</sup> Para acessar as seções do NCM e da abrangência dos capítulos de cada seção, ver Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. (MDIC). Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/sitio/>.

### 3.2.1 Argentina

Assim como o Brasil, o maior fluxo comercial de Santa Catarina no âmbito do Mercosul ocorre com a Argentina. Em 2010 as importações catarinenses oriundas da Argentina representaram 76,6% do total importado do bloco, e 62,7% das exportações catarinenses para o Mercosul.

No que tange aos produtos exportados pelo Estado e dedicados ao país fronteiriço destacaram-se os do “capítulo 2 - carnes e miudezas, comestíveis”; do “capítulo 48 - papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel”; e do “capítulo 84 - reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos”, conforme exposto na Tabela 1.

As exportações dos produtos do primeiro grupo apresentaram variação negativa de 30,9% no período 1996-2009, bem como na participação dos produtos deste capítulo no total exportado, que decaiu de 21,5% em 1996 para apenas 9,4% em 2009.

A queda das exportações de carne para a Argentina é explicada, principalmente, pela diminuição das vendas de carne de frango. Em 1998 este setor representava quase 50% das exportações de carnes destinadas ao país vizinho, no entanto ao longo do tempo as exportações foram declinando e em 2009 praticamente não há representatividade. A demanda de carne de frango argentina foi provida em alguns períodos pelo Uruguai e em outros pela produção interna, a exemplo do último período.

Já as exportações de carne suína se mantiveram constantes ao longo do tempo e impediram uma queda ainda maior na participação dos produtos do capítulo 2 no total exportado.

Tabela 1 - Exportações de Santa Catarina destinadas à Argentina.

Período	02-Carnes e miudezas, comestíveis		48-Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.		84- Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos		Total Exportado	
	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Var. %
1996	55.409,95	21,5%	43.046,73	16,7%	31.878,48	12,4%	257.201,36	-
1999	51.497,20	19,3%	33.095,50	12,4%	41.315,23	15,5%	266.864,68	3,8
2002	5.852,39	6,4%	24.723,56	27,1%	13.116,58	14,4%	91.313,98	-65,8
2005	10.028,67	3,3%	41.688,33	13,5%	60.118,56	19,5%	308.003,43	237,3
2007	45.290,84	8,7%	80.336,09	15,4%	109.801,70	21,0%	522.451,78	69,6
2009	38.288,91	9,4%	61.366,39	15,0%	101.763,94	24,9%	409.326,11	-21,7

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

Outro fator que contribuiu para o declínio das exportações de carne a partir de 2004 foi o embargo às carnes brasileiras e que foi motivado, a princípio, por um foco de aftosa no Pará. Segundo o jornal Valor On line (2004), a suspensão argentina gerou um prejuízo de 183,2 toneladas a menos por dia e queda no faturamento das empresas no valor de US\$ 245 mil ao dia.

Quanto aos produtos do capítulo 48, a participação no total exportado para a Argentina não sofreu grandes mudanças. O volume exportado destes produtos passou de US\$ 43.046 mil em 1996, para US\$ 61.366 mil em 2009, um crescimento de 42,5%.

O melhor desempenho apresentado nas exportações foi dos produtos manufaturados do capítulo 84. O crescimento observado no período foi de mais de 219,0% e a participação no volume total exportado para a Argentina passou de 12,4% para 24,9% em 2009. Entre os produtos que propiciaram este avanço estão os refrigeradores que em 2006 chegaram a 42,0% do total exportado deste capítulo. A demanda argentina por motores e máquinas é atendida pelo Brasil, seguido da China e dos EUA.

Tabela 2 - Importações de Santa Catarina oriundas da Argentina.

Período	10-Cereais		39-Plásticos e suas obras		Total Importado	
	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Var. %
1996	26.223,72	14,8%	6.766,11	3,8%	176.787,51	-
1999	26.895,30	25,3%	8.375,72	7,9%	106.400,06	- 39,8
2002	49.782,52	25,3%	101.520,86	51,5%	197.120,42	85,3
2005	6.183,37	1,3%	283.687,52	60,3%	470.042,39	138,5
2007	90.701,90	12,9%	264.154,89	37,7%	701.406,92	49,2
2009	101.650,70	11,7%	274.021,26	31,5%	869.689,25	24,0

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

Em relação às importações catarinenses provenientes da Argentina, apresentada na Tabela 2, os produtos que tiveram maior participação são os do “capítulo 10 – cereais”, que abrange produtos como trigo, milho, cevada, sorgo, arroz; e os do “capítulo 39 – plásticos e suas obras”, que abrange tubos, perfis, poliamida, polietileno.

Destes dois capítulos, o primeiro manteve a participação apresentando poucos períodos com oscilações relevantes, como em 2000 e 2001, quando a participação no total importado extrapola os 40,0%. A demanda pelos produtos do capítulo 39 apresentou grande evolução, o crescimento no período 1996-2009 foi de 391,94%, passando de US\$ 6.766 mil para US\$ 274.021 mil, sendo a Argentina a principal fornecedora destes produtos para Santa Catarina,

superando os EUA e o Uruguai. A demanda catarinense pelos produtos do capítulo 39 é considerável, dado o setor no Estado ser altamente desenvolvido, principalmente nas linhas de fabricação de artefatos diversos, com ênfase em acessórios para a construção civil e embalagens de plástico.

### 3.2.2 Paraguai

A economia do Paraguai representa 1,2% do PIB geral do Mercosul, sendo a pecuária e a agricultura os principais setores da economia do país. Como também ocorre no Uruguai, o setor industrial vem apresentando crescimento e esta evolução no setor está atrelada a integração comercial obtida com o Mercosul (MOREIRA e MILHOMEM, 2010).

No tocante ao comércio com o Brasil, 91,5% das exportações brasileiras destinadas ao Paraguai são de produtos industrializados e somente 8% de produtos básicos. A mesma tendência de comércio é observada com Santa Catarina.

A Tabela 3 apresenta os produtos exportados pelo Estado de Santa Catarina destinados ao Paraguai que tiveram representatividade média igual ou superior a 10% no período, sendo dois os capítulos: “69 - produtos cerâmicos” e “84 - reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos”.

Quanto aos produtos do primeiro grupo, visualiza-se uma queda no volume e na participação no total exportado para o Paraguai. Em 1996 Santa Catarina exportou cerca de US\$ 11.837 mil em produtos cerâmicos, o que representava 14,9% das exportações totais do Estado. O período 1999-2007 foi de queda nas exportações, e em 2008 houve uma recuperação, sendo que a variação no volume exportado entre 1996 e 2008 foi praticamente zero, no entanto, como houve crescimento das exportações totais de Santa Catarina para o Paraguai, a participação dos produtos cerâmicos no total exportado em 2008 não passou de 6,7%.

Tabela 3: Exportação de Santa Catarina destinadas ao Paraguai.

Período	69-Produtos Cerâmicos		84- Reatores nucleares, caldeiras,máquinas,mecânicos		Total Exportado	
	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Var. %
1996	11.837	14,9%	23.828	29,9%	79.566	-
1999	8.904	15,0%	10.490	17,7%	59.277	- 25,5
2002	3.594	10,5%	6.157	17,9%	34.331	- 42,8
2005	4.678	6,7%	16.475	23,7%	69.648	102,9
2007	7.351	6,5%	31.158	27,5%	113.160	62,5
2009	8.644	6,7%	31.850	24,5%	129.815	14,7

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

A redução das exportações dos produtos cerâmicos catarinenses ocorreu num período onde houve a expansão das vendas dos produtos chineses. Com base em dados relativos à importação paraguaia de produtos cerâmicos, verifica-se que a o fornecimento brasileiro de produtos como artigos para cozinha, higiene e louças para o Paraguai caiu consideravelmente nos últimos tempos, em contrapartida a importação paraguaia destes mesmos produtos com origem da China só cresceu. Ou seja, nesta linha de produtos, os artigos brasileiros perderam espaço para os artigos chineses. Entretanto, o Brasil continua a ser o maior fornecedor de produtos cerâmicos para o Paraguai, sendo responsável por mais de 80% dos produtos consumidos pelo país vizinho.

Com relação às exportações totais (todos os destinos) de produtos cerâmicos de Santa Catarina, houve um decréscimo de exportados a partir de 2007. Esta queda ocorreu em virtude de um câmbio desfavorável, aliada a concorrência de produtos chineses. As exportações foram reduzidas de 40,0% para 10,0% da produção, e mercados como Austrália, Costa Leste dos EUA e África foram tomados pela China. Segundo o Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Sul (Sindiceram)/2008, mesmo com a redução de custos e o aumento da produtividade, a indústria cerâmica catarinense não consegue competir com a indústria chinesa, isso por que, o câmbio é desfavorável ao Brasil e compensador para a China.

Em relação às exportações dos produtos do capítulo 84, observa-se que o volume exportado apresentou alguns períodos de queda que coincidiram com as quedas ocorridas no total exportado. A performance das vendas dos produtos deste setor no período de estudo pode ser considerada boa, pois houve evolução do volume e manutenção na participação das exportações totais, como podemos verificar ao longo da Tabela 3.

Tabela 4: Importações de Santa Catarina oriundas do Paraguai.

Período	10-Cereais		12-Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.		23-Resíduos e desperdícios das ind. alimentares, etc.		52-Algodão		Total Importado	
	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Var. %
1996	15.189	6,6%	136.566	59,3%	16.525	7,2%	58.583,70	25,5%	230.130	-
1999	6.903	10,6%	3.318	5,1%	8.839	13,5%	34.858,50	53,4%	65.297	-71,6
2002	15.579	15,2%	31.624	30,8%	49.393	48,2%	4.481,55	4,4%	102.516	57,0
2005	20.682	24,6%	25.806	30,7%	31.978	38,1%	1.936,50	2,3%	83.961	-18,1
2007	43.100	39,5%	16.511	15,1%	19.855	18,2%	4.611,01	4,2%	109.178	30,0
2009	25.832	25,9%	23.156	23,2%	12.494	12,5%	5.117,11	5,1%	99.835	-8,6

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

Em relação às importações dos produtos provenientes do Paraguai destacam-se os produtos básicos que fazem parte dos seguintes grupos: “10 - cereais”, “12 - sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes”, e “52 – algodão”, visualizados na Tabela 4. Este fato condiz com a realidade das importações brasileiras de produtos de origem paraguaia formada em 17,7% de produtos industrializados e 82,3% de produtos básicos.

As importações totais de algodão de Santa Catarina decresceram no período de estudo em mais de 20,0%, enquanto que a demanda pelo algodão paraguaio variou negativamente em mais de 90,0%, evidenciando que o comércio com outros fornecedores foi favorecido. Em 1996 e 2002 a maior parte do algodão que abastecia as indústrias têxteis catarinenses era paraguaio, sendo que atualmente o maior fornecedor é a Índia, seguido pela China, Argentina e finalmente Paraguai.

Quanto às importações totais nota-se que o fornecimento de produtos paraguaios para Santa Catarina reduziu no período de análise. Em 1996 o Estado importava cerca de US\$ 230.130 mil, passando para US\$ 148.003 mil em 2008, uma variação de -35,6%.

### 3.2.3 Uruguai

O Uruguai possui aproximadamente 176 mil km<sup>2</sup> de área e sua principal atividade econômica é a agricultura voltada para a exportação. Todavia, a sua maior produtividade é no setor industrial que, de acordo com Moreira e Milhomen (2010), está se ampliando e diversificando não só em função da demanda interna, mas também como provável resultado da participação do país no Mercosul.

Quanto às exportações catarinenses destinadas ao Uruguai, verifica-se uma expansão considerável no volume total exportado, evoluindo de US\$ 41.092 mil em 1996, para US\$ 113.594 mil em 2009, ano em que o comércio exterior brasileiro começou a apresentar os efeitos da crise financeira mundial. Os anos de 1999 e 2002 também apresentaram declínios no volume exportado. O primeiro deve-se a valorização cambial do real, e o segundo reflete o ápice da crise do bloco que atingiu, sobretudo, a Argentina e o Uruguai em 2002.

No período 2002-2008, houve um incremento de 374,0% nas exportações catarinenses destinadas ao Uruguai, valor muito próximo ao registrado pelas exportações brasileiras que foi de 400,0%.

Em relação aos produtos catarinenses que apresentaram maior continuidade de comércio como o Uruguai, conforme a Tabela 5, se destacaram os produtos da indústria têxtil e de máquinas. Os artigos de vestuário chegaram a representar 23,3% das exportações totais de Santa Catarina destinadas ao Uruguai em 2002. Entretanto, a participação nas exportações totais caiu sensivelmente a partir de 2006, chegando a 3,6% em 2008 e apresentando uma pequena alta em 2009, quando representa 4,1% do total exportado para este país. No entanto, comparando-se o volume exportado em 1996 e em 2009, verifica-se uma variação próxima a zero.

A queda das exportações de produtos de vestuário catarinenses deve-se, sobretudo, a entrada dos produtos oriundos da China, além de Hong Kong, Indonésia, Índia, ou seja, países que não representavam significância nas importações de vestuários do Uruguai passaram a ter representatividade suficiente para tomar mercado de países pertencentes ao Mercosul, como Brasil e Argentina.

Somado a isso, muitas empresas catarinenses adquiriram ou montaram suas indústrias nos países vizinhos como Uruguai e Paraguai, fato que contribuiu para diminuir o volume de exportações de artigos de vestuário de Santa Catarina.

Tabela 5 - Exportações de Santa Catarina destinadas ao Uruguai.

Período	61-Vestuário e seus acessórios, de malha		84- Reatores nucleares, caldeiras,máquinas,mecânicos		Total Exportado	
	Em mil US\$	Participação	Em mil US\$	Participação	Em mil US\$	Var. %
1996	4.412	10,7%	5.667	13,8%	41.092	-
1999	5.952	12,0%	3.932	7,9%	49.699	20,9
2002	7.538	23,3%	1.764	5,5%	32.333	- 34,9
2005	8.437	15,0%	7.833	13,9%	56.167	73,7
2007	5.974	5,8%	12.732	12,4%	102.953	83,3
2009	4.651	4,1%	13.641	12,0%	113.594	10,3

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

Quanto aos produtos do “capítulo 84 – reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos”, que abrange produtos como compressores de ar, máquinas, a participação no volume total de vendas para o Uruguai se apresentou mais uniforme, e salvo cinco períodos, manteve a participação acima de duas casas, variando entre 11% e 14,7%. Quanto ao volume exportado, diferentemente dos produtos têxteis, a variação verificada entre 1996 e 2009 supera os 140,0%, passando de US\$ 5.667 mil em 1996, para US\$ 13.641 mil em 2009.

Tabela 6 - Importações de Santa Catarina oriundas do Uruguai.

Período	2-Carnes e miudezas, comestíveis		11-Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.		39-Plásticos e suas obras		Total Importado	
	Em mil US\$	Participação	Em mil US\$	Participação	Em mil US\$	Participação	Em mil US\$	Var. %
1996	20.481	35,7%	1.721	3,0%	2.212	3,9%	57.314	-
1999	4.097	10,2%	1.209	3,0%	-	-	40.238	-29,8
2002	482	2,8%	1.554	9,0%	7.538	43,4%	17.360	- 56,9
2005	-	-	50.239	46,5%	41.675	38,6%	108.069	522,5
2007	2.931	2,0%	35.873	23,9%	74.087	49,3%	150.140	38,9
2009	5.373	3,3%	58.732	35,6%	46.931	28,4%	164.988	9,9

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

Em relação ao comércio dos produtos uruguaios destinados a Santa Catarina, observa-se na Tabela 6, uma variação superior a 150% no período entre 1996-2009, quando a demanda catarinense por produtos uruguaios cresce de US\$ 57.314 mil para US\$ 164.988 mil. As importações catarinenses vindas do Uruguai apresentaram declínios somente nos períodos de crise: 1999-2001 e 2009.

Quanto aos produtos do Uruguai que apresentaram participação média superior ou igual a 10,0% no total exportado deste país com destino para Santa Catarina, estão presentes os oriundos do setor agropecuário, como é o caso dos produtos do “capítulo 2 - carnes e

miudezas, comestíveis” e do “capítulo 11 - produtos da indústria de moagem, malte, amidos”. Os primeiros tinham participação bastante relevante no período 1996-1998, representado até 41,3% do total das importações catarinenses. A partir de 1998 visualiza-se o primeiro declínio sendo que, a partir de 2002, as participações destes produtos caíram ainda mais, sendo reduzida a menos de 3,0%.

A importação de carnes nos primeiros períodos do estudo era composta, sobretudo, de carcaças e meia carcaças de bovinos, frescas ou refrigeradas, mas a importação deste tipo de produto foi interrompida em virtude de o Estado de Santa Catarina ter adotado medidas sanitárias para ser considerado como área livre de febre aftosa. Desta forma, o ingresso de carne bovina não desossada foi suspenso. Atualmente o estado catarinense importa do Uruguai principalmente carne bovina desossada e carne de ovinos, não desossada e congelada.

No que diz respeito às importações catarinenses de farinha de trigo e malte não torrado, produtos do capítulo 11, e aos produtos do “capítulo 39 – plásticos e suas obras”, que abrangem produtos como tampas, embalagens para transporte, tubos, garrafas, chapas de polímeros entre outros, foi observado trajetória oposta ao verificado com os produtos do capítulo 2. Estes dois grupos de produtos que até meados de 2000 apresentavam pouca relevância no volume de comércio entre Santa Catarina e Uruguai, passaram a exibir alto volume de comércio. Juntos, estes produtos chegaram a representar 73,6% das importações totais de Santa Catarina de produtos uruguaios em 2008. Atualmente o Uruguai é o terceiro maior fornecedor de produtos do capítulo 39, atrás da Argentina e dos EUA.

#### 3.2.4 Venezuela

A República Bolivariana da Venezuela tem aprofundado os vínculos comerciais com o Mercosul, tanto que em 2008 a soma das importações e exportações chegou a US\$ 8.600 milhões, valor 18,2% acima do registrado no ano anterior. Dentre os membros do bloco, o maior fluxo comercial ocorre com o Brasil, sendo que em 2009 o país foi origem de 72,9% das importações venezuelanas, sendo o terceiro maior fornecedor, respondendo por 9,3% de das importações totais, ficando atrás somente dos EUA e da Colômbia.

O intercâmbio comercial entre Brasil e Venezuela tem sido favorável ao primeiro. Embora o Brasil seja um grande fornecedor ao mercado venezuelano, a demanda brasileira

por produtos oriundos da Venezuela é muito baixa, cerca de 0,7% das exportações totais, enquanto que os EUA, maior parceiro comercial da Venezuela, responde por 35,4%.

No que diz respeito ao fluxo comercial entre Santa Catarina e Venezuela observa-se disposição semelhante ao comércio Brasil x Venezuela, pois o Estado exporta além de suas importações, gerando um saldo positivo na balança comercial.

Tabela 7 - Exportações de Santa Catarina destinada à Venezuela.

Período	84-Reatores nucleares, caldeiras, máquinas		85-Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes		16-Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos		Total Exportado	
	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Var. %
1996	2.590,54	28,5%	981,77	10,8%			9.088,71	-
1999	2.316,65	25,3%	882,87	9,6%			9.172,81	0,9
2002	5.222,42	30,6%	1.588,10	9,3%			17.049,20	85,9
2005	12.710,90	16,6%	5.593,57	7,3%	34.489,82	45,1%	76.453,46	348,4
2007	29.567,53	16,8%	10.523,74	6,0%	16.924,05	9,6%	175.926,50	130,1
2009	17.779,92	16,9%	9.713,45	9,3%	4.790,89	4,6%	104.993,11	- 40,4

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

Analisando-se a Tabela 7, percebe-se que o Estado tem exportado produtos de valor agregado e com tecnologia, como são os casos dos produtos do “capítulo 84 - reatores nucleares, caldeiras, máquinas”; e do “capítulo 85 - máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes”. Estes dois grupos de produtos apresentam participação relevante no volume exportado e com variações elevadas quando comparado o volume registrado em 1996 ao de 2008, ano que antecedeu os efeitos da crise.

Em 1996, Santa Catarina exportava US\$ 2.590,54 mil em produtos do capítulo 84, já em 2008 o volume chegou a US\$ 41.068,78 mil. Os produtos do capítulo 85 também apresentaram crescimento, e no período 2008-2009, diferentemente do que ocorreu com outros grupos de produtos, não houve queda.

A partir de 2003, pela definição do NCM, produtos como enchidos de carne, peixes e crustáceos ganharam o mercado venezuelano. De 2003 a 2008 a variação no volume exportado extrapolou 900%, passando de US\$ 2.199,85 mil para US\$ 22.209,48, e em 2009 houve queda no volume exportado na ordem de 78,4%.

Em relação à demanda catarinense por produtos originados da Venezuela, exposto na Tabela 8, percebe-se um aumento gradual ao longo do período analisado, apresentando somente três períodos com quedas relevantes: 2003, 2006 e 2009. Também é possível

verificar que, embora tenha ocorrido um crescimento ao longo do tempo, não houve a consolidação de compras de determinados grupos de produtos, o único capítulo de produtos a destoar é o “capítulo 39 - plásticos e suas obras”, que apresentou importação em 13 períodos dos 14 analisados.

Dos grupos de produtos que apresentaram descontinuidade nas importações podem-se citar os do capítulo 3, que chegou a apresentar fluxo constante no período 1998-2006. Após este ano a demanda catarinense passou a ser suprida pela Argentina, Chile e Uruguai.

Tabela 8 - Importações de Santa Catarina oriundas da Venezuela.

Período	3-Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebr. aquáticos		27-Combustíveis minerais, óleos minerais, ceras minerais		39-Plásticos e suas obras		Total Importado	
	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Participação	Em mil de US\$	Var. %
1996	187,45	10,8%					1.742,92	-
1999	3.430,48	90,5%			195,11	5,1%	3.791,36	117,5
2002	6.444,27	68,1%	42,18	0,4%	1.858,03	19,6%	9.458,56	149,5
2005	6.359,08	47,8%			4.563,02	34,3%	13.304,62	40,7
2007			1.813,25	10,5%	3.193,95	18,5%	17.232,52	29,5
2009			16.496,13	57,0%	2.506,93	8,7%	28.954,61	68,0

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ALICE-Web/MDIC (2011).

O capítulo 27 embora não tenha apresentado média anual superior ou igual a 10% foi incluído na tabela por ter exibido nos últimos períodos de análise, alta relevância nas importações totais. Em 2009, mesmo com os efeitos da crise financeira internacional, a importação dos produtos deste capítulo praticamente não foram afetadas.

A importação de Santa Catarina dos produtos do capítulo 27 era suprida até 2005, em maior medida, pela Argentina, Alemanha, África do Sul e EUA. A partir deste período a demanda do Estado só cresceu, e com isso houve aumento das importações desses produtos oriundos da Venezuela. São três os produtos venezuelanos importados: óleos para isolamento elétrico, óleos minerais brancos (vaselina/parafina) e coque de petróleo não calcinado, que é utilizado para a produção de energia em indústrias.

Quadro 1 - Fluxo de comércio de Santa Catarina com o Mercosul.

<b>País</b>	<b>Exportação</b>	<b>Importação</b>
<b>Argentina</b>	02-Carnes e miudezas comestíveis; 48-Papel e suas obras; 84-Reatores nucleares, caldeiras, máquinas,	10-Cereais; 39-Plásticos e suas obras.
<b>Paraguai</b>	69-Produtos cerâmicos; 84-Reatores nucleares, caldeiras, máquinas.	10-Cereais; 12-Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes; 23-Resíduos e desperdícios das ind. alimentares; 52-Algodão.
<b>Uruguai</b>	61-Vestuário e seus acessórios de malha; 84- Reatores nucleares, caldeiras, máquinas.	02-Carnes e miudezas comestíveis; 11-Produtos da ind. de moagem, malte, amidos; 39-Plásticos e suas obras.
<b>Venezuela</b>	-setor de máquinas e equipamentos (capítulos 84 e 85); 16-Preparações de carne, de peixes, etc.	3-Peixes e crustáceos; 27-Combustíveis; 39-Plásticos e suas obras.

Fonte: elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

O Quadro 01 apresenta um resumo dos capítulos de NCM que exibiram representatividade média de 10% no comércio entre Santa Catarina e os países membros do Mercosul no período 1996-2009.

### 3.2.5 Índice de comércio intra-indústria (ICII) Santa Catarina e Mercosul

Conforme abordado no item 2.2, a verificação da ocorrência do comércio intra-indústria, bem como de sua intensidade, pode ser constatada pelo cálculo do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII).

O ICII mede a incidência de comércio intra-indústria a partir dos valores de importações e exportações de um setor específico de uma localidade para outra, podendo ser calculado a nível nacional, estadual e/ou de blocos regionais. O indicador pode ser expresso pela equação 01:

$$I_{CI} = \frac{\sum_{i=1}^n (x_i + m_i) - \sum_{i=1}^n |x_i - m_i|}{\sum_{i=1}^n (x_i + m_i)} \quad (1)$$

Em que  $0 \leq I_{CI} \leq 1$

$I_{CI}$  = Índice de comércio intra-indústria;

$x_i$  = Exportações do produto ou setor  $i$ ;

$m_i$  = Importações do produto ou setor  $i$ ;

O ICII varia entre zero e um. Sendo que, quanto mais próximo a *zero*, maior o comércio inter-indústria, e quanto mais próximo a *um*, maior é a incidência do comércio intra-indústria.

Entretanto, conforme ressalta Montoro *et al* (2007), há dois aspectos importantes que merecem destaque na metodologia empregada no estudo. O primeiro diz respeito à sensibilidade do índice com o nível de agregação do produto, que será mais próximo de *um*, quanto mais elevado for o nível de agregação. O segundo é que, havendo desequilíbrio comercial entre os pares analisados, o índice tende a ser subestimado, pois  $(x_i - m_i)$  não deverá se aproximar de zero, o que elimina a hipótese de se calcular um índice igual a zero.

O ICII apresentado nesta seção foi obtido a partir dos valores das exportações e das importações para cada capítulo da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM), transacionadas entre Santa Catarina e o Mercosul no período compreendido entre 1996 a 2009, sendo agregados as suas respectivas seções. Os resultados apresentados na Tabela 9 contemplam os dez principais setores produtivos.

Conforme Vasconcelos (2003) *apud* Seabra e Amal (2010), o ICII pode ser classificado em três categorias: valores até 0,4 sinalizam baixa integração intra-indústria; valores entre 0,4 e 0,7 indicam uma posição intermediária de integração; e valores superiores a 0,7 indicam alto grau de integração intra-indústria.

Tabela 9 - ICII de Santa Catarina x Mercosul (1996 a 2009)

Capítulos	1996-1998	1999-2001	2002-2005	2006-2009
1 a 5	0,9793	0,5005	0,4408	0,7563
6 a 14	0,0897	0,2243	0,2167	0,1678
16 a 24	0,7891	0,9926	0,3518	0,6282
39 a 40	0,9253	0,8195	0,0911	0,1121
47 a 49	0,1203	0,1793	0,2247	0,2410
50 a 63	0,9209	0,6667	0,3832	0,4566
68 a 70	0,1114	0,0242	0,1124	0,2652
72 a 83	0,6748	0,2929	0,6009	0,9993
84 a 85	0,1951	0,1911	0,2748	0,0640
86 a 89	0,6156	0,9458	0,0890	0,1007

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Sistema Aliceweb/MDIC (2011).

Diante dos resultados, os setores que apresentaram ICII abaixo de 0,4, ou seja, de baixa integração intra-industrial, ao longo de todos os períodos são: os produtos do reino vegetal (capítulos 06 a 14); os produtos relacionados ao papel e suas obras (capítulos 47 a 49); os produtos cerâmicos (capítulos 68 a 70); e os produtos como equipamentos e máquinas (capítulos 84 a 85).

Chama a atenção o setor de máquinas e equipamentos pelo baixo índice apresentado, dado o bom desempenho exportador que este setor exibiu para todos os países membros do bloco. Além disso, no estudo de Seabra e Amal (2010), que calcula o ICII do comércio Santa Catarina - Mundo para o período de 1989 a 2007, o setor apresentou performance oposta, registrando valores entre 0,49 e 0,75.

O índice encontrado no trabalho de Seabra e Amal (2010) é em parte explicado pelo processo de internacionalização de boa parte das empresas deste setor. Todavia, como se verifica no tamanho do índice obtido neste estudo, o mesmo não se aplica para o comércio Santa Catarina-Mercosul, apontando para a hipótese de que o processo de internacionalização das empresas do setor de máquinas e equipamentos tem se voltado para outras regiões do mundo, que não o Mercosul.

Vale ressaltar ainda, que o baixo índice de comércio intra-indústria deste setor, aponta para a presença predominante de comércio inter-indústria e, portanto, para a existência de vantagens comparativas.

Já os setores da indústria de plástico (capítulos 39 a 40) e da indústria de transporte (capítulos 86 a 89), que apresentavam índices que sinalizavam alto grau de integração nos dois primeiros subperíodos, registraram nos períodos seguintes índices muito inferiores. Na indústria de plástico, a transição foi propiciada pelo elevado aumento das importações

catarinenses de insumos. Sendo que, as exportações não ocorreram na mesma magnitude pelo fato da maior parte da produção deste setor ser destinada ao mercado interno.

Com relação ao índice encontrado para a indústria de transporte, este é resultado do elevado avanço das exportações catarinenses dos produtos pertencentes ao Capítulo 87, como peças de veículos, reboques.

Em posição intermediária de integração intra-indústria estão os produtos do setor têxtil (capítulos 50 a 63) e do setor alimentício, bebidas e fumo (capítulos 16 a 24). Ambos caíram sensivelmente no período 2002-2005 e parecem apontar para uma recuperação, conforme se verifica no período 2006-2009.

Com relação ao índice do setor têxtil, observa-se trajetória declinante do primeiro ao terceiro subperíodo, alterando o *status* de setor com alta integração inter-indústria para setor com baixa integração (período 2002-2005), sendo causado pela diminuição das exportações têxteis do Estado, e motivada, sobretudo, pela entrada de produtos asiáticos, como já abordado anteriormente, e também por medidas de proteção adotadas a este setor no âmbito do Mercosul. Todavia, comparando-se estes resultados aos obtidos no estudo de Seabra e Amal (2010), percebe-se que o ICII do comércio de produtos têxteis de Santa Catarina-Mundo, não sofreu grandes alterações no período 1994 a 2007, ficando entre 0,6984 e 0,7844, diferentemente do ocorrido com o Mercosul. Desta forma, verifica-se que o comércio de produtos relativos ao setor têxtil entre Santa Catarina e o bloco tem se revelado instável e provavelmente mais suscetível a interferências do que o comércio de têxteis de Santa Catarina com os demais países do mundo.

Já a retomada do comércio do setor têxtil, que intensificou o índice de comércio intra-indústria no período 2006-2009, pode ser resultado do processo de internacionalização de empresas deste setor e que também tem sido direcionados aos países membros do Mercosul.

Por fim, os produtos pertencentes aos produtos do reino animal (capítulos 1 a 5), que são referentes, no caso catarinense, as exportações de carne, registraram elevado grau de integração intra-indústria. Assim como, os produtos do setor de metais e suas obras (capítulos 72 a 83).

Em relação a este último, verifica-se que no período 2006-2009 os valores de importação e exportação do setor foram muito próximos, propiciando um índice elevado. Os principais produtos exportados pelo Estado e destinados ao Mercosul são pertencentes ao “capítulo 72 - ferro fundido, ferro e aço” e ao “capítulo 73 - obras de ferro fundido, ferro e aço”, com representatividade de 52,9% e 38,8% , respectivamente. Quanto às importações, os

principais produtos importados também contemplam os pertencentes aos capítulos 72 e 73, com representatividade de 28,2% e 23,9%, respectivamente. Além desses, os produtos do “capítulo 74 - cobre e suas obras”, do “capítulo 75 - níquel e suas obras”, têm registrado elevado nível de importação.

No estudo de Vasconcelos (2001), acerca do comércio intra-indústria entre o Brasil e os países do Mercosul, o ICII para a seção de metais comuns e suas obras ficou compreendida entre 0,11 e 0,41, apontando para um comércio de grau baixo a intermediário de integração intra-indústria.

Com relação aos dados apresentados e a metodologia empregada, vale ressaltar a questão da agregação de dados. Quando se trabalha com informações muito agregadas, corre-se o risco que a definição de indústria se perca, fazendo com que o índice fique sobreestimado, e indicando que todo o comércio é intra-indústria. No entanto, cabe ressaltar que a metodologia adotada neste estudo é comumente utilizada por outros autores, como Vasconcelos (2001), Seabra e Amal (2010) e Montoro et al (2007).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo analisou o fluxo de comércio entre Santa Catarina e os países membros do Mercosul, possibilitando identificar os grupos de produtos que tem sido mais comercializados, bem como o seu desempenho no decorrer do período 1996 a 2009. O estudo verificou as alterações ocorridas neste período e a vulnerabilidade do comércio destes produtos frente às mudanças ocorridas no cenário econômico internacional. Além disso, o cálculo do Índice de Comércio Intra-Indústria (ICII) de Santa Catarina com o Mercosul proporciona verificar o nível de integração das suas indústrias, gerando subsídios para a elaboração de políticas conjuntas como as de pesquisa e desenvolvimento.

No que se refere à análise do fluxo de comércio, partindo da apreciação das importações e exportações totais por capítulo de NCM para os períodos compreendidos entre 1996 a 2009, com cada país membro do bloco, e apurada a representatividade de comércio dos grupos de produtos para o período de análise deste artigo, constatou-se que em relação às exportações catarinenses e destinadas ao Mercosul, fica evidente a importância deste mercado para os produtos pertencentes ao capítulo 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas), pois o fornecimento destes produtos abrange a todos os países membros do bloco, exibindo um volume comercializado bastante elevado. Além disso, a participação deste setor no total

exportado por Santa Catarina ao Mercosul tem sido ascendente, ao contrário de setores como o cerâmico, o têxtil e o de carnes, que apresentaram representatividade declinante ao longo do período de análise.

O alto grau de participação dos produtos do capítulo 84 nas exportações é positivo, visto serem produtos manufaturados, e com alto valor agregado. Vale lembrar que o ICII para este setor foi baixo, evidenciando para a presença de comércio inter-indústria e da existência de vantagens comparativas.

Com relação à pauta de importação, verifica-se que na maior parte é composta por produtos da agroindústria, como cereais e carnes. Também se destacam os produtos do “capítulo 39 - plásticos e suas obras”, e destinados, em sua maioria, como insumos para a indústria de plástico catarinense, que é destaque nacional.

No que tange o grau de comércio intra-indústria de Santa Catarina com o Mercosul, observa-se baixo nível de integração para as indústrias do setor de plástico e borracha (capítulo 39 a 40); produtos do reino vegetal (6 a 14), papel (capítulos 47a 49), cerâmicas (68 a 70) e máquinas e equipamentos (capítulos 84 a 89). Destes, sinaliza-se para a existência de vantagens comparativas para o Mercosul dos dois primeiros grupos citados.

Já, em nível elevado de integração estão as indústrias dos produtos do reino animal (capítulos 1 a 5) e metais e suas obras (capítulos 72 a 83). Quanto ao índice obtido para o primeiro grupo (capítulos 1 a 5), pode ser explicado pelo fato de que, tal como Santa Catarina, outros países membros do Mercosul possuem este setor bem desenvolvido, como a Argentina e o Uruguai. O que não acarreta em vantagem comparativa do comércio destes produtos e favorece ao comércio intra-indústria.

Verifica-se, portanto, que são poucos os setores que apresentam um nível elevado, ou mesmo intermediário de integração intra-indústria. Além disso, o índice foi mais alto em segmentos com maior intensidade em mão de obra, como o de carnes, e que normalmente, de acordo com a literatura, são propícios para a ocorrência de comércio inter-indústria e de vantagens comparativas.

Por outro lado, setores que seriam mais favorecidos pelo comércio intra-indústria, como o de manufaturados, apresentaram índices baixos. Cabe ressaltar que o comércio intra-indústria proporciona ganhos de escala, diferenciação do produto e maior eficiência produtiva, tornando os produtos mais competitivos para o comércio internacional.

São muitos os fatores apontados pela literatura que podem afetar o desenvolvimento do comércio intra-indústria, como custos elevados de transporte, existência de desequilíbrios

comerciais, barreiras comerciais, entre outros. Sendo assim, pesquisas com a finalidade de identificar os fatores que afetam o comércio intra-indústria Santa Catarina-Mercosul seriam desejáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALASSA, B. **Teoria da integração económica**. Lisboa: Clássica, 1961. 452 p.

CARBAUGH, R. J. **Economia internacional**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. 587 p.

CARMINATTI, C.; FACHINELLO, A.L. **A abertura comercial na década de noventa e seus reflexos sobre o setor exportador do oeste de Santa Catarina**. Trabalho Acadêmico (Pesquisa de Iniciação Científica PIBIC/FAPE)-Curso de Ciências Econômicas, Universidade Comunitária de Chapecó, Chapecó, 2002.

CARIO, S. A. F. et al. (Orgs.). **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Blumenau, Nova Letra, 2008.

CORMELATTO, M. **Processos locais e dinâmicos mundiais: estudo sobre a indústria de móveis de São Bento do Sul (SC) na perspectiva das cadeias mercantis globais**. Dissertação de Mestrado em Economia. Programa de Pós-Graduação em Economia, UFSC, 2007.

DORIA, V. BRAGA, P.; MALTA, C. Desmentindo governo, Argentina e Rússia mantêm embargo a carnes. **Valor On Line**, 25 de jun. 2004.

GRUBEL, H. G.; LLOYD, P. J. The empirical measurement of intra-industry trade. **Economic Record**, n. 47, v. 4, pp. 494–517, 1971

INDÚSTRIA de SC sob as garras do dragão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 22 jun. 2008. Nº 8108

KROTH, D. C.; GEMELLI, E.; FACHINELO, A. L. **A importância da taxa de câmbio sobre as exportações catarinenses no período de 2001 a 2006** In: IV Encontro de Economia Catarinense. Criciúma, 2010.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional: teoria e política**. 4. ed. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999. 807. Cap. 9 economia política da política comercial

KRUTZMANN, V.; AZEVEDO, A.F.Z. **Abertura comercial brasileira: mensuração do efeito do comércio sobre o crescimento econômico**. Unisinos, 2010.

MERCOSUL. Disponível em: <<http://www.mercosul.gov.br>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2010.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2010.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Base de dados sistema Alice Web. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 06 de dezembro de 2010.

MINISTÉRIO do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Base de dados sistema Radar Comercial: <<http://www.radarcomercial.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2010.

MIRANDOLA, M. A. **Os impactos da abertura comercial brasileira sobre o desenvolvimento do estado de santa Catarina**. São Paulo, 2003. Dissertação- Escola de Administração de Empresas de São Paulo FGV.

MONTORO, F. *et al.* **Uma investigação da evolução do comércio intra-indústria na relação Brasil-Mercosul no período 1996-2005: O que revelam os dados?** Seminário NESPI, São Paulo, 2007.

MOREIRA, S. V.; MILHOMEM, E. E. L. **Evolução recente do comércio Exterior brasileiro com os países do Mercosul**. IPEA, texto para discussão 1466. Rio de Janeiro, 2010.

SEABRA, F; MOHAMED, A. Inserção internacional de uma economia regionalizada: avanços e limitações para o caso catarinense. In: MATTEI, L.; LINS, H. N (Orgs.) **A socioeconomia catarinense**. Chapecó: Argos, 2010. 247 p.

SOUZA, A. M. D. **Criação e desvio de comércio no Mercosul - período de 1991 a 2000**. Florianópolis, 2003. Dissertação-Economia e Finanças – UFSC.

VASCONCELOS, C.R.F. **O comércio Brasil-Mercosul na década de 90: uma análise pela ótica do comércio intra-indústria**. Rio de Janeiro, 2003.

VINER, J. **The Customs Union Issue**. New York: Carnegie Endowment for International Peace. 1950.

Artigo recebido em setembro de 2015 e aceito em novembro de 2015.